

TODOS OS TRILHOS ACABAM NO MAR...

Muito bom dia a todos e muito obrigado pelo convite a participar nesta sempre interessante bienal!

O TURISMO RURAL NÃO VIVE SÓ de ALOJAMENTO!!... POR ISTO NÃO VOU FALAR DE ALOJAMENTO HOJE, porque todos sabem que os grandes hotéis estão em grandes dificuldades, NEM DE TRANSPORTES AÉREOS, que de rural tem pouco. Para variar, vou referir-me ao que fazer com os turistas, "rurais" ou "urbanos" que sejam, uma vez que eles tenham cá chegado e tenham arranjado alojamento, ao que fazer deles e com eles. Nos últimos anos, tem-se falado muito em planos de ordenamento turístico das ilhas, em rotas que divulguem o enorme legado cultural e paisagístico das localidades, em qual deverá ser a ESPECIALIZAÇÃO do turismo açoriano e em suma, sobre qual é o TIPO DE TURISMO que se pretende pôr a circular entre as diversas ilhas.

Em finais do ano de 2009, ainda coexistem muito entusiasmo e muita confusão nesta básica matéria. É a demora na definição deste aspecto fundador, a Tipologia Turística das ilhas, a que ao nível político indica qual é o rumo dos investimentos e da promoção realizados, que tem atrasado a consolidação do Turismo Açoriano não só em relação a destinos turísticos muito mais afirmados, mas também em relação a outros destinos emergentes mais organizados.

Quanto a mim, não é preciso inventar especializações possíveis do turismo açoriano, porque estão a vista de todos; não vale a pena pesquisar ou discutir muito, nomear comissões e solicitar consultoria: os dois pilares do turismo açoriano são o Mar e os Trilhos Pedestres, só falta é agir com mais determinação nestes dois amplos domínios. São o "material" de que são feitas as "Colunas de Hércules açorianas", ou seja o limite ocidental das terras semi-conhecidas e ainda misteriosas aos olhos do turista europeu, que antes de voar até ao arquipélago, navega hoje pelos roteiros de viagem e pela internet. Se o chamariz de uma ilha não for só queijo, arquivo baleeiro ou pura paisagem, mas algo de vivo, que se pode percorrer a nado ou a pé, então o visitante apreciará com certeza também as particularidades locais que se insiram na sua marcha imparável, rumo ao auto-conhecimento e ao reconhecimento da ilha pelas vias antigas.

Até há meio século atrás, navegava-se até às ilhas só pelas ondas do Atlântico, a partir de vários continentes, tendo sido o **MAR** o veículo por Natureza nos Açores, quer dos Açores para o exterior, quer para as ligações inter-ilhas e para as ligações de cabotagem entre lugares da mesma ilha. Hoje em dia só se chega às ilhas por avião, devido à ausência total de barcos transatlânticos para passageiros que escalem os Açores e ao incipiente turismo de cruzeiros, que felizmente... ainda é só incipiente, e oxalá que assim fique, que não cresça muito, a não ser, se calhar, na já "sacrificada" São Miguel, para se pagarem os milhões já investidos. Repare-se que nas Caraíbas, ali do outro lado deste grande lago atlântico, existem ilhas requintadas que já há vários anos centralizam a sua promoção no slogan: "Absolutely cruise free!", ou seja "Estamos completamente livres de cruzeiros!"...

Os navios de cruzeiro, à sua chegada, literalmente vomitam nos lugares portuários uma impossível quantidade de turistas, supostamente famintos de artesanato e souvenirs, de iguarias gastronómicas e do *been there done that*, ou apenas do *been there took a picture*, dispostos a dar uma volta de autocarro se houver tempo (senão é preciso construir auto-estradas em todas as ilhas escaladas pelo navio) e pouco mais. Se forem mesmo muitos os cruzeiros a parar, os turistas cruzadores mais serão tomados por cruzados, comparados a um enxame de gafanhotos que deixam a desolação atrás de si. Cruzar-se-ão cada vez mais com a indiferença da população e o aborrecimento do turista "regular", aquele que passa mais de três horas, mediamente 3 noites, ou por vezes semanas em cada ilha, visitando-a e conhecendo-a ao pormenor, incluindo o nome das pessoas.

Começando a promover-se entusiasticamente às ilhas "sem cruzeiros", paralelamente àquelas "com cruzeiros" se for inevitável, um aspecto fundamental da vida marítima arquipelágica são os barcos inter-ilhas e a navegação de cabotagem. Se houve quem falou em "bruxaria" para justificar a desastrosa performance do transporte marítimo na região em 2009, a verdade é que, em finais da primeira década do séc. XXI, o assunto continua completamente por resolver. É notório que muitos turistas, ainda mais pela ausência total de ligações marítimas dos Açores para o resto do mundo, prefeririam navegar de barco entre as ilhas, entre nuvens de golfinhos, no lugar de embarcar nos pássaros de ferro da SATA. Para chegarmos até esta bienal de Outubro em S. Jorge, não foi possível saber-se o horário dos barcos no grupo Central até ao último dia de Setembro, prova de que as carências não estão meramente ao nível dos barcos, mas também aos níveis do planeamento, da organização e da divulgação. Se ninguém tem dúvida que 100 anos atrás, em termos de transporte marítimo pelo menos, as ilhas se apresentavam mais organizadas do que hoje, à beira de 2010 os Açores ainda são um dos raríssimos arquipélagos do mundo que não consegue ter um serviço regular de barcos, entre todas as suas ilhas.

Trata-se, nos Açores do séc. XXI e se falarmos na maioria das 9 ilhas, e não só numa ou noutra, de desenvolver QUASE qualquer outro tipo de actividade marítima, que não seja a chegada de mais cruzeiros. Para satisfazer o "quase", baste travar ou excluir a proliferação das barulhentas e perigosas (para os outros) motas de água, poupando-se motores e combustível para as ligações inter-ilhas, a pesca, o *whale-watching*, talvez a natação com golfinhos (mesmo se já há quem se oponha a isso para respeitar os próprios golfinhos) e outras excursões motorizadas, todos sectores sobre os quais ainda muita tinta pode ser derramada, para além de combustível. Deve promover-se energicamente tudo o que é ecológico, saudável é silencioso.

O que o mar açoriano proporciona, sem carecer de gasolina para as ruidosas engenhocas dos bípedes terrestres, é fantástico, as potencialidades já são conhecidas e não vou aqui pormenorizar as características de cada modalidade, é suficiente a listagem rápida de: natação, balneação e áreas balneares (só neste campo há muito para se fazer!), snorkelling (simples observação com a máscara, susceptível de ser orientada com itinerários e literatura), surf, wind-surf e kite-surf, o mergulho em apnéia e com garrafas, vela, canoagem, caiaque e também *coasteering*, disciplina mais

recente que propõe percursos anfíbios ao longo da orla marítima. A caça submarina também tem que ser de alguma forma... não digo limitada, mas pelo menos Não promovida por aí além, e sem dúvida poderia afinar-se a sua regulamentação, de maneira a ter áreas piscatórias separadas das áreas balneares. Um excelente exemplo de promoção de um turismo subaquático sustentável já é dado pela pioneira Bienal de Turismo Subaquático da Graciosa, que revelou-se um sucesso e cuja II edição realiza-se naquela ilha em finais deste mês. Muitos parabéns. Para todas estas actividades, basta adicionar-se ao equipamento água, de preferência salgada e a custo zero.

Em termos de infra-estruturas, só uma sugestão para o bem-estar e as oportunidades de emprego da população que se quer fixar por estas ilhas: para além da instalação de mais câmaras hiperbáricas na região, antes disso aliás, nas Flores e noutras ilhas o que faz imensa falta é uma moderna piscina, aquecida e coberta. Felizmente parece que, nas Flores, uma piscina venha a ser construída muito brevemente. Poucos sabem nadar apropriadamente e para praticar neste mar no Verão, é preciso ir às aulas de natação numa piscina, durante o Inverno. A ginástica aquática, hidro-ginástica ou terapia da água é extremamente benéfica para a população idosa, não só para os adultos, enquanto para as crianças a natação é uma actividade física, antes do que um desporto, fundamental. Como promover actividades marítimas em ilhas onde mais de metade da população não sabe, nem pode aprender a nadar correctamente?

Parece-me difícil, e a ausência de uma piscina, ainda no ano de 2009, em várias ilhas, faz prever um atraso ulterior no futuro imediato, para a população poder desfrutar das oportunidades únicas, quer em termos de saúde pública, quer em termos sociais (lazer) e económicos, que o próprio oceano e também as ribeiras podem oferecer. Dado que o nosso clima não permite a realização de aulas regulares de natação no meio marítimo, custe o que custar, pela sua construção e manutenção, uma piscina coberta e aquecida deve ser considerada uma infra-estrutura fundamental e prioritária, no caso em questão: o desenvolvimento aquático de populações insulares cercadas pelo mar. É sempre preciso temer e procurar domesticar o oceano com técnica (adquirida nas piscinas) e coragem, despejada no mar alto, depois de interpretar-se a previsão no *windguru* e no *meteo.pt*. Metaforicamente falando, uma piscina coberta daria barbatanas, mais do que asas, a muitos potenciais peixinhos açorianos!..

A diferença das ondas do Mar, em terra os TRILHOS PEDESTRES já foram obra do homem, para andar ou cambalear neles. Construídos em alguns casos há mais de 500 anos, são um património que já desapareceu nos lugares colonizados de forma maciça pelo Homem, e portanto precioso, completado pelas pontes em pedra e pelos socalcos, tudo erguido à mão com técnicas espantosas. Ligavam lugares e freguesias entre si e às pastagens e fajãs, começam no mar, terminam no monte e regressam ao mar, não há muito por onde ir ao fim e ao cabo, sobretudo para um bom andarilho... Por vezes, em dia de *São Vapor*, o arauto da freguesia ou "carteiro" da Fajã Grande ia e voltava 3 vezes por dia até Santa Cruz, e nos dias de hoje ainda temos clientes que caminham 20km por dia e só não andam mais, porque não há caminhos suficientemente compridos, ou convenientemente interligados. Porque não utilizar verbas para a criação

de novos trilhos pedestres, como por exemplo trilhos de ligação entre outros existentes, em lugar ou em paralelo à construção de estradas?

Há anos que vou “apregoando” os trilhos como a maneira mais simples e cativante para despoletar o arranque do turismo açoriano, o que me levou a publicar em 1995 nas Flores, com a ajuda da Câmara das Lajes, um roteiro pedestre do concelho que foi julgado pioneiro na Região. Mais de uma década depois, há um ano ou dois, foi realizado um inquérito entre os passageiros da SATA, única ligação dos Açores com o exterior, que constitui uma amostra representativa da totalidade dos visitantes. À pergunta sobre “qual era a razão principal que os trazia”, na prática “o que vinham cá fazer”, 85% dos passageiros respondeu: “trilhos pedestres”. O resultado desse inquérito não poderia ser mais eloquente: é maioria absoluta para os trilhos pedestres, nas eleições para as actividades mais procuradas nos Açores. Aos olhos dos visitantes, o fascínio dos trilhos ainda predomina largamente sobre o do meio marítimo, mas o investimento na recuperação, manutenção e sinalização, para não falarmos na mencionada, possível abertura de novos trilhos porque já parece ficção científica, ficou sem dúvida aquém das percentagens esperadas, em termos institucionais. Aquém do esperado e não generalizada ficou também a adesão da população às filosofias turísticas, devido à falta de orientação para a percepção correcta do novo fenómeno. É indiscutível que predomina, entre os jovens em todas as ilhas, a tendência para a aquisição de veículos motorizados sobre a da motorização das próprias pernas.

Tome-se por exemplo a Ilha das Flores, que assemelha-se a esta Ilha de S. Jorge: ambas possuem uma sofisticada rede de trilhos pluricentenária, em bom estado geral de conservação, devido à perícia de quem os construiu mais do que à manutenção dos que se seguiram. Os caminhos já cá estão, em condições de preservação ainda deslumbrantes mas que podemos definir como “globalmente frágeis”, devido à acção contínua dos agentes geológicos, atmosféricos e botânicos (os rizomas da *hedychium gardnerianum*, flagelo botânico bem conhecido também nas ilhas Hawaii e Nova Zelândia, destroem caminhos calcetados e paredes de pedra). À partida, com as suas paisagens deslumbrantes, vegetação e água em abundância, as duas ilhas teriam todas as condições para se afirmar como um destino topo de gama europeu, senão mundial, no capítulo dos trilhos pedestres. Infelizmente, a falta de verbas, o desinteresse local ou a incapacidade, fazem com que tenham sido sinalizados, nas Flores, apenas 4 trilhos, o que é óptimo para se começar, lembrando porém que poderiam sinalizar-se 20 ou 30 percursos, sem esgotar-se ainda assim o “potencial pedestre” das Flores. Resumindo, defendo que as Flores e a maioria dos Açores, no fim da primeira década do séc. XXI, se apresentam apenas como esplêndidas ilhas, com alguns belos trilhos sinalizados, em vez de constituírem uma das principais referências europeias no capítulo dos trilhos pedestres, como poderiam ser.

Como limpar e manter tantos trilhos, muitos mais dos actualmente sinalizados? Criando-se emprego ou fomentando-se o voluntariado. Quando não houvesse capacidade financeira ou de recursos humanos governamentais, autárquicos ou privados, bastaria a criação e divulgação pelas Secretarias competentes de programas de voluntariado para jovens estudantes ou não, nacionais e/ou estrangeiros, para

trabalhos estivais ou invernais, simplificando-se a burocracia. Bastaria oferecer alojamento e refeições à rapaziada, eventualmente em famílias ou em instalações públicas como pavilhões desportivos, escolas, etc., vazias durante o Verão e também durante as quadras festivas do Inverno. Em troca de alojamento e refeições, não era preciso pagar ordenado, aliás pede-se normalmente aos candidatos para programas deste género um contributo em dinheiro para a sua participação. Se calhar, uma equipa de 10 ou 15 jovens, ou de jovens velhos, bastaria para arranjar e sinalizar uns 30-40 trilhos numa só ilha antes do início do verão, ou ao longo do verão.

Os utentes dos principais caminhos pedestres, graças aos roteiros literários publicados em vários países europeus, aos folhetos divulgativos criados na Região e ao esforço de sinalização implementado nos últimos anos, já podem quase sempre ir sozinhos, a não serem de veneranda idade, mas há sempre uma fajã mais remota e inacessível, ou um *Pico* mais alto, onde é sempre melhor ir acompanhados. É uma outra oportunidade de emprego para quem se consegue ver a si próprio, após uma devida formação assistida, como guia ou vigilante da natureza.

Uma vez retirada e “polida” a antiga rede de trilhos da conteira ou cana-roca (a *Hedychium*), não faltam actividades complementares que já estão a ser propostas nos Açores e que beneficiam da limpeza. Refiro-me por exemplo ao *canyoning*, actividade entre as aquáticas e as terrestres, entre cascatas e trilhos: é a descida das ribeiras pelos seus desfiladeiros, com equipamento anfíbio e auxílio de cordas para *rappel*. Flores e São Jorge, abençoadas pelas suas características hidrográficas e onde o *canyoning* move os seus primeiros passos, já são consideradas o *Paraíso* nacional da modalidade, graças à dedicação e ao trabalho da bem conhecida *Associação Desnível*. Nas Flores há potencial (ou manancial) para equipar mais de 40 ribeiras, e efectivamente 36 já estão a ser descidas por um reduzido número de afortunados, que desde 2009 podem contar *in loco* com a empresa *West Canyon* de Marco Melo. Em S. Jorge, os imaginativos e abrangentes programas da *Aventour*, por terra e por mar, são a referência perfeita do que se pode propor em qualquer ilha do arquipélago.

Várias outras actividades beneficiariam da limpeza dos trilhos e podem associar-se às caminhadas, como o *sliding*, ou deslize guiado por cabos, já iniciado nos Açores em matas de criptomérias mas que poderia estender-se à travessia de vales ou à descida às fajãs. Na América Latina ainda há quem use um cabo para ir para a escola... Outras especialidades ao longo dos trilhos podem ser a escalada, ou só o *rappel* ou *abseiling*, termos que indicam a “descida de um desnível controlada por corda”. Vários sítios dos Açores teriam perfil perfeito para poder subir-se uns trilhos pela montanha acima, e descer-se com arnês e cordas do topo até um determinado ponto, nas imediações do mesmo trilho de subida. De mais fácil execução que – por exemplo - o *canyoning*, cujos croquis prevêm deslocações anfíbias quer na vertical quer na horizontal, avançando pelo leito do rio, o *abseiling* efectua-se só a partir de um ou mais pontos panorâmicos fixos, deslocando-se os praticantes só na vertical, em ambiente seco.

Criativamente, a oferta turística de produtos considerados “de adrenalina”, por operadores mais conservadores, pode acoplar-se, ao longo dos trilhos que sobem ou

descem ao mar, a especialidades gastronómicas ou científicas, como as vulcânicas. O Geoturismo, que os geólogos açorianos têm andado justamente a propagandear, é um outro recurso para todas as ilhas que beneficiaria muito da recuperação de trilhos. Passeios espeleológicos, geologia e vulcanismo, são vertentes temáticas cuja importância está predestinada a aumentar exponencialmente no futuro próximo.

Entre muitas actividades ecológicas não radicais, que podem ser trilhadas, refiram-se apenas o *turismo de bicicleta* e o *bird-watching*. Se o turismo de bicicleta crescer, é preciso criar condições para que não colida, literalmente, com o pedestre e com a rede rodoviária. É conveniente começar a criar-se pelo menos algum circuito de bicicleta com um mínimo de rigor e categoria, de preferência o mais comprido que se imagine e que se consiga, do género volta à ilha se possível, que obviamente poderá ser percorrido por etapas. ...E dito muito suavemente: que se proibam as Moto 4 ao longo dos trilhos pedestres, ou que não se licenciem mais operadores de *Quad bike tours* dos que já porventura existam! A não ser que, para se conseguir levar este tipo de ruído incomodativo a um qualquer lugar sossegado, sejam criados percursos próprios, que acabariam inevitavelmente, porém, por perturbar os percursos pedestres, os de bicicleta ou os dos observadores de aves.

Os Açores têm excelentes condições para *bird-watching*, sendo que estão cada vez mais a tornar-se outro *Paraíso*, desta vez o "paraíso europeu para o reconhecimento de aves americanas". A estação privilegiada é o Outono e os *birders* são um maná para o hoteleiro, sendo os únicos turistas contentes com o mau tempo, visto que ventos fortes e tempestades trazem mais aves até nós. Foi construído já no passado Agosto de 2008, nas Flores, após proposta do incansável funcionário Gerbrand Michielsen aceite pela Secretaria de Economia, o primeiro refúgio próprio para observação de aves nos Açores, e outros estão planeados. Ao longo dos trilhos praticáveis das Flores e das outras ilhas há recantos de imensa paz para identificar as plumas. Estão reunidas as condições mínimas para o aproveitamento turístico de uma actividade que tem futuro: aos poucos, quem se dedique ao estudo das aves que escolhem vir ou que são impelidas até aos Açores, poderá contar com o crescimento lento mas constante de uma clientela nacional e internacional, que pretende ser guiada em excursões de *bird-watching*.

Recapitulando, da "domesticação" e do aproveitamento sustentável do MAR e dos TRILHOS, facilmente ao alcance da população açoriana se devidamente orientada, depende também a proposição de múltiplas outras actividades. Qualquer visitante que chegue hoje de avião, sem considerar a prática de desportos aéreos que ainda é menos desenvolvida do que as actividades marítimas e pedestres, anseia esquecer-se, deseja divertir-se, ou deve medir-se, com o mar e com os caminhos pedestres. O discurso é válido quer para o turista estrangeiro europeu, quer para o *lusu-turista* continental ou das Américas, incluindo-se os que regressam à ilha mãe, por vezes depois de décadas de ausência.

Primeiro foi a tragédia da diáspora, mais tarde a chegada do turismo e do turismo da diáspora... Foi mesmo por esse trilho ali, o que vocês estão a imaginar, que o emigrante chegou até ao mar e se foi embora, e hoje em dia assiste-se ao nostálgico

regresso aos mesmos trilhos, o regresso às origens. Ao propósito, é instrutivo ler-se umas poucas palavras de Alfredo Luís (ou ALFRED LEWIS, como se americanizou), poeta e escritor florentino que tornou-se famoso nos Estados Unidos, tendo sido considerado o fundador da literatura luso-americana; eis uns excertos de uma sua poesia intitulada de "Arauto":

"...Como corria o homem! Seus pés nus mal tocavam nas pedras,
Cepos verdes do atalho ligando Santa Cruz à nossa pequenina Fajãzinha...
Descalço, ia a pé a Santa Cruz para saber se havia americanos em volta,
...dos que foram em busca de fortuna e terras grandes
E que voltavam p'ra matar saudades do lugar donde haviam caminhado...
...a velhinha saiu fora da casinha caiada onde nasceu;
Seus olhos no atalho... onde há dez anos, com saco às costas,
Seu filhinho havia partido para as terras d'Eldorado..."

É evidente, neste testemunho de um açoriano ilustre, mesmo que tenha sido escrito em meados do séc. XX, a preponderância de pedras, cepos verdes, atalhos e caminhos pedestres na nomenclatura da Saudade: é óbvio que também o emigrante que regressa no séc. XXI, já sem ser por via marítima, para além de estar espantado e provavelmente até feliz pelo desenvolvimento das ligações por avião e por alcatrão, gostaria de voltar a calcorrear os mesmos trilhos da sua infância no regresso à ilha, e não uma SCUT, um "pasto de golfe" sem nenhuma vaca ou uma canada revestida em betão... Preservem-se os caminhos da saudade!! Diria o poeta...

Mais acima, falei na falta de adesão generalizada da população às novas filosofias turísticas: temos que trabalhar todos, as categorias sociais devem juntar-se todas para o mesmo fim, sem se boicotarem umas às outras, ou rivalizar levemente. Em primeiro lugar, a população tem que perceber que as actividades turísticas não são conflituais com as tradicionais e, se isto é mais fácil para a pesca, também a agropecuária beneficia do turismo. Depois, o povo tem que perceber qual é a finalidade disso tudo, qual é o objectivo que se pretende e qual é a maneira de lá chegar-se. Neste âmbito e para concluir, deve elogiar-se vivamente a inteligente campanha publicitária do nosso governo que, talvez pela primeira vez em 2009, foi especificadamente dirigida aos açorianos, em vez que aos visitantes. Diga-se de passagem que a publicidade genérica exibida nos Açores e dirigida aos turistas, é totalmente desnecessária, uma vez que eles já cá estão. Ao invés, os apelos virados para o interior da sociedade açoriana, como cartazes ou anúncios na TV a dizer *crie saudade, o turista é seu amigo* e por aí em diante, são um primeiro passo fundamental para regenerar o tradicional espírito de hospitalidade da população das ilhas.

Muito obrigado a todos pela paciência, e votos de um feliz prosseguimento!